

FATORES DETERMINANTES NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM INFANTIL: COMPARAÇÃO ENTRE A NARRAÇÃO DE UMA HISTÓRIA REALIZADA POR DUAS CRIANÇAS.

Juciane Ferigolo

RESUMO[©]

Este trabalho visa analisar a construção da narração de uma história em quadrinhos feita por duas crianças de idade e sexos distintos. Para tanto, será feita a comparação da construção da história levando-se em consideração fatores como idade, nível de escolaridade, afinidade com a leitura e maior ou menor prática desta, estímulo à leitura, nível de escolaridade dos pais, contato ou não da criança com histórias infantis, entre outros, apontando as influências que estes fatores determinam na aquisição da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição, criança, linguagem

INTRODUÇÃO

Júlia é uma menina de 06 anos de idade, filha única, aluna do 2º ano da pré – escola. Desde os três anos de idade Julia vai a creche permanecendo neste ambiente o dia todo. Aí, a menina convive com outras crianças, participa de brincadeiras, aprende a desenhar, pintar, fazer as primeiras letras e ler as primeiras palavras. Ela ainda não sabe ler livros infantis, pois não reconhece as letras impressas, porém consegue ler algumas palavras que ela mesma escreve e que outras pessoas escrevem de modo legível e semelhante a sua forma de escrita. O pai possui ensino superior e neste ano concluirá o mestrado. A mãe é professora de História e de Espanhol e trabalha em uma escola estadual.

Quando questionada a respeito de suas brincadeiras preferidas, a menina diz que gosta muito de assistir TV, mas também gosta de brincar com outras crianças. Sua convivência com outras crianças é diária visto que, pela manhã fica na creche e à tarde ela fica com uma espécie de “babá coletiva”, a qual toma conta também de outras crianças. Nesse convívio, Julia tem a oportunidade de brincar com outras crianças, de participar de jogos e de conviver com outras pessoas que não sejam do círculo familiar. É neste

ambiente também que ela contata-se com as historinhas infantis, pois a babá costuma ler ou contar aquelas narrativas tradicionais como “O Chapeuzinho Vermelho”, “A Branca de Neve”, “A Cinderela”, entre outras. Na casa dos pais, Julia é diariamente estimulada a interessar-se pela leitura e pelo estudo; a mãe compra para a filha muitos livros de historinha, livros didáticos para alfabetização e CDs com pequenas histórias, que Julia escuta com frequência. Outro fator importante a ser considerado, é o fato da menina escutar narrações de historinhas pelos pais, ela diz que “A mamãe e papai contam historinhas pra mim antes de eu dormi”. Com esses dados pode-se perceber que Julia esta frequentemente em contato com o mundo das narrativas infantis e ela diz gostar muito de brincar com livros e revistas, e até já afirma que quando crescer quer ser professora de inglês. Ela é estimulada pelos pais a gostar de leitura e o ambiente ao qual está inserida colabora para que este gosto seja mantido ou acentuado.

A outra criança que participou na realização desse trabalho, é um menino de sete (7) anos. Seu nome é Bruno, aluno da 1ª série do ensino fundamental, aprendeu a ler e escrever na escola e tem facilidade para contar fatos e histórias que acontecem a sua volta. Vai para a escola no turno da tarde, sendo que pela manhã fica em casa, segundo ele “assistindo TV e brincando com os amigos”. Seus pais trabalham durante o dia, a mãe é empregada doméstica e estudou até a 5ª série do ensino fundamental. O pai é funcionário público e possui ensino médio concluído.

Bruno é uma criança muito ativa e disse que prefere assistir TV e brincar com os amigos a ler historinhas infantis ou brincar com livros e revistas, por este motivo fica quase toda a manhã em frente a TV. Porém é dedicado nos estudos - afirmação do pai- dedicando sempre um tempo para fazer os temas. Quando questionado a respeito da familiaridade com as histórias contadas ou lidas, Bruno diz que costuma ouvir histórias como a do Pequeno Polegar, Pinóquio,

O Gato de Botas, entre outras, em CD. Seus pais não possuem o costume de lhe contar histórias, sendo este papel desempenhado pela irmã mais velha. Ele possui 4 irmãs, 3 mais velhas e 1 mais nova.

Durante todo período de aquisição da linguagem, Bruno não teve grandes contatos com a narração de histórias infantis, pois seus pais não possuíam o costume de fazê-la. Também não dispõe de muitos materiais – livros, revistinhas em quadrinhos, CDs de historinhas- para fazer uso.

Este ano, o qual Bruno começou a freqüentar a escola, foi bastante estimulante para ele, no sentido de despertar seu interesse pela leitura e escrita, em virtude da professora e da escola disponibilizarem materiais para que ele os utilizasse. Levando-se em consideração todos estes fatores, o menino apresenta um bom desenvolvimento da linguagem. Ele é bastante atencioso com os fatos que ocorrem a sua volta e costuma fazer indagações a respeito das questões que não são de seu entendimento.

Um apontamento importante que Bruno fez é a respeito de seu costume de ler a Bíblia. Ele afirma gostar muito dessa leitura e por isso a faz com freqüência, perguntando a seu pai todas as questões que lhe causam dúvidas. Abaixo, seguem as narrações de Júlia e de Bruno para a mesma história.

O Chico e o amigo estão numa árvore. Daí o Chico Bento, não, eles comeram as frutas e se cansaram e foram embora. Eles olharam um poteiro que estava com melancias e entraram e pegaram uma melancia, e daí eles começaram a comer as melancias e depois deu dor de barriga neles porque eles comeram muito. Foram em outra árvore que era de maçã e foram comer as maçãs. Depois que eles comeram as maçãs, eles se deram tchau e foram para casa. O Chico chegou em casa e a mãe ficou braba com ele, porque ele ficou demais fora de casa.

Chico Bento inventou de pegar as frutas e ele e o amigo ficaram em cima da árvore comendo. Chico Bento cansou de subir na árvore. Viu as melancias e o amigo do Chico disse: - Vamos roubar as melancias. Eles comeram as duas melancias e sobrou uma. Chico disse: - Quem chegar primeiro pega a última para comer. Dormiram comendo melancia. Depois dói a barriga dos dois porque estão de barriga cheia. Chico bento viu a árvore e falou: - Vamos roubar maçã agora? O amigo do Chico subiu no pé de maçã e deu as maçãs pro Chico. Deitados em

cima das maçãs comeram elas. Chico e o amigo se falaram: - Tchau amigo! – Tchau! Chico chegou em casa e falou: - Cheguei. E a mãe diz: - Chegou atrasado, vou te deixar de castigo.

A narração de Julia foi bastante sucinta, ela não se ateu a maiores detalhes e interpretou a expressão de zangada da mãe de Chico como conseqüência de sua demasiada demora para chegar em casa.

Percebe-se na narração de Bruno uma maior riqueza de detalhes ao compara-se com a realizada por Julia, sendo que a forma de contarem a mesma história também é distinta. A menina usou o foco narrativo em 3ª pessoa para o relato, ou seja, de uma perspectiva externa, ela narrou um acontecimento sem os personagens deixarem suas vozes transparecer na narração. O menino também se põe na posição de narrador externo- 3ª pessoa, porém, utiliza-se também da voz direta dos personagens, ele é tanto narrador, quanto personagem na história. Este breve comentário deve-se apenas a um esclarecimento quanto à forma de narrar a história, sendo que, o que realmente interessa aqui é observar a relação que há entre o contexto a que a criança pertence e o desenvolvimento de sua linguagem.

Considerando-se o contexto em que Julia esta inserida e suas relações com o meio e com as outras pessoas, percebe-se que ela passa praticamente todo o dia em contato com outras crianças, e mantém com elas um vínculo muito forte. A babá e a professora desempenham um papel de mãe durante o dia, sendo que o contato com a família só ocorre à noite. Para Julia essa relação com as outras crianças é muito importante justamente por estar em uma fase de desenvolvimento em que o reconhecimento do outro como indivíduo do todo, de pensamentos e atitudes próprias, é necessário para que o egocentrismo comece a declinar. O meio é fundamental não só para a construção da personalidade da criança, mas também para o desenvolvimento de sua linguagem, ou seja, “as crianças são socializadas no uso da própria linguagem: os pais e outros dão orientações explícitas as crianças sobre o que dizer, como e quando elas devem dizê-lo” (GLEASON, 1997, p. 209). Através do convívio com outras pessoas a criança aprende a fazer uso da língua para se comunicar, sendo a linguagem um reflexo do ambiente a qual esta inserida.

Júlia, desde cedo foi incentivada pelos pais a desenvolver o gosto pela leitura. A mãe lhe

conta histórias antes de dormir, compra-lhe livros infantis e outros materiais como CDs, revistinhas, jogos para que Julia tenha contato com a linguagem escrita e interesse-se por ela. A creche é outro ambiente propício para que Julia seja estimulada a desenvolver o hábito pela leitura, visto que ela está diretamente em contato com livros e revistas. E por fim, a menina no convívio com a babá, também se integra ao mundo das narrativas infantis, pois esta possui o hábito de lhe contar histórias.

Observando-se a narração de Julia, percebe-se que sua narração segue uma seqüência lógica, dotada de sentido, embora ela não se atenha a maiores detalhes. Sua linguagem é característica de uma criança com esta idade que ainda está em processo de aquisição. Como a menina situa-se entre o estágio sensório-motor e o operatório concreto (PIAGET, 1975) ela ainda não possui a capacidade de abstração, ou seja, ela segue a lógica dos dados concretos e observáveis. Segundo Piaget, o pensamento concreto é limitado à solução de problemas concretos palpáveis, conhecidos no presente. Nessa fase, as crianças têm dificuldade de raciocinar sobre problemas verbais complexos que envolvem proposições, problemas hipotéticos ou questões futuras (WADSWORTH, 2003, p. 126). Isso é facilmente observável no discurso de Julia, pois ela somente consegue descrever e explicar, na historinha, os fatos concretos- aquilo que ela realmente vê- não tendo a capacidade de abstrair ou imaginar soluções para os problemas. Na historinha do Chico Bento, Julia a desfecha dizendo que a mãe está com expressão facial de zangada, irrita-se com Chico porque ele ficou muito tempo fora de casa. Ela desconsidera o fato de Chico ter comido demais e chegado em casa sem fome, vê uma mesa com comida, mas não tem vontade de comer. Mesmo sendo a mesa e as comidas um todo concreto, Julia não consegue fazer esta ligação.

Os pais de Julia possuem o hábito da leitura e o praticam na presença da menina. A família – meio – neste sentido cumpre seu papel de modelo no incentivo a esta prática. Julia está, portanto, imersa em um ambiente propício a lhe despertar o gosto e o interesse pela leitura. E isso ocorre, pois ela afirma gostar muito de ler historinhas e livros, sendo o reflexo de seu hábito a narração efetuada por ela. Sua linguagem é clara, bastante desenvolvida, relatou os fatos sem

nenhuma dificuldade, dando à narração uma seqüência lógica e dotada de sentido.

Transpondo-se do texto de Julia para o de Bruno, tem-se uma narração mais prolixa, com uma maior riqueza de detalhes e alguns tópicos distintos. Considerando-se a idade dos dois, Bruno estaria em um estágio mais avançado no desenvolvimento cognitivo, ou seja, já estaria no operatório concreto (PIAGET, 1975). Esse fator tem fundamental relevância, visto que Bruno consegue processar determinadas operações que Julia ainda não consegue. A menina conta somente os fatos evidentes da história, sem se ater a maiores detalhes, enquanto que o menino menciona pontos de valor secundário, os quais exigem uma observação mais profunda. Por exemplo, Bruno percebe que Chico Bento e o amigo estão deitados em cima do monte de maçãs.

Muitas são as teorias sobre a aquisição da linguagem, e obviamente, ela diverge em vários pontos. Chomsky (1959) adota uma postura inatista em relação a este processo. A linguagem, específica da espécie humana, dotação genética e não um conjunto de comportamentos verbal seria adquirido como resultado do desencadear de um dispositivo inato, inscrito na mente (SCARPA, 2001: 206). Chomsky não desconsidera porém, a instância do meio na ativação destes mecanismos inatos, os quais precisam de estímulo externo para se manifestar. Já Vygotsky (1984) segue outro viés para explicar a aquisição da linguagem. Para ele, o poderoso instrumento da linguagem é trazido pelo que chama de internalização da ação e do diálogo. O processo de internalização é uma reconstrução interna de uma operação externa (SCARPA, 2001, p. 213). Vygotsky não atribui à linguagem a visão inatista de Chomsky (1959), pois para ele a habilidade lingüística desenvolve-se por influência do meio, sendo que a criança internaliza suas experiências e contatos com o mundo externo.

Mesmo partindo de posições diversas, essas teorias possuem um ponto em comum no que diz respeito ao meio como fator de influência no desenvolvimento da linguagem. O ambiente ao qual Bruno pertence, assim como o que Julia pertence, é estimulador, no que diz respeito ao gosto pela leitura. O garoto, desde pequeno convive com o mundo das histórias infantis, lendo livros, revistinhas e escutando pequenos contos em CDs. Os pais do menino não possuem o hábito de lhe contar histórias, porém sua irmã o

faz e o estimula a ler. Como Bruno frequenta a primeira série do Ensino Fundamental, já desenvolveu a habilidade da leitura e diz gostar muito de ler, apesar de ocupar mais seu tempo com brincadeiras, jogos com os amigos e com programas de televisão. Uma particularidade bastante relevante quanto aos tipos de atividades que Bruno realiza, é o costume de ler a Bíblia. Seu pai diz que desde que aprendeu a ler não abandonou mais este hábito, e mesmo antes de dominar a escrita e a leitura, já tinha contato com os textos bíblicos pois pedia a outras pessoas da família que lessem para ele algumas passagens bíblicas. Sempre que Bruno não entende o significado das palavras ou o próprio enunciado, indaga a seu pai para que este lhe esclareça os pontos não entendidos de uma forma que ele entenda, pois não gosta de ficar com dúvidas. "Gosto das coisa bem explicada", diz Bruno.

A partir de todos esses dados coletados de Bruno, pode-se dizer que ele possui desde cedo a familiaridade com a leitura e o contato com as histórias infantis. Isso se reflete na linguagem utilizada por ele para narrar a história e pelo modo a fez. Como o relato de Julia, este também obedece a uma ordem e a uma lógica. Os fatos se sucedem de maneira coerente, sem que apareça na narração elementos externos ao contexto da história, como é comum acontecer no discurso das crianças – elas incluem acontecimentos externos ou mencionam situações inexistentes (característica do estágio pré – operatório). Por estar no estágio operatório concreto, Bruno também não possui a capacidade de abstrair situações e somente consegue fazer relações percebidas através dos sentidos. Ele também não conseguiu perceber que Chico Bento comeu demais, e chegando em casa sem fome a mãe se zangou com ele. Ele atribui a cara de zanga da mãe ao fato de Chico ter chegado tarde em casa, sendo esta uma justificativa lógica e não analógica ao contexto da história.

Segundo Ely e Gleason (1997), a socialização da criança é realizada de forma explícita através da linguagem, nas instruções verbais que os pais dirigem a seus filhos durante as atividades cotidianas, bem como através de histórias e aforismos que expressam valores culturais. Isso significa que a criança torna-se sociável por meio da linguagem e conseqüentemente esta é produto de sua interação com o meio. Julia e Bruno em suas

narrações apresentaram uma linguagem bem articulada e bem desenvolvida pela idade que possuem. Isso ocorre pelo estímulo do meio, visto que as pessoas pertencentes a seus círculos de convívio diário possuem o hábito da leitura e incentivam seus filhos a tê-lo também.

CONCLUSÃO

Este trabalho buscou, portanto, mostrar quais são as influências do meio e de outros fatores, anteriormente citados – como a idade – no desenvolvimento da linguagem infantil, e a partir do discurso usado pelas crianças para narrar uma história. Deste estudo, pode-se observar, concretamente, que o ambiente ao qual as crianças estão inseridas e a socialização delas, são fatores determinantes do desenvolvimento lingüístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHÔMSKY, N. A review of B.F. Skinner's verbal Behavior. *Language*, 1959.
- FLETCHER, Paul; MAEWHINNEY, Brian. **Compêndio da Linguagem da Criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- LIPSITT, Lewis; REESE, Hayne. **Psicologia do Desenvolvimento da Criança**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- PIAGET, Jean. A equilibração das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- SCARPA, Ester. *Aquisição da linguagem*. In: Mussalin, F. & Bentes, A.C. (org.) **Introdução à lingüística**: Domínios e Fronteiras vol. 2. SP: Cortez, 2001.
- VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- WADSWORTH, Barry. *Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget*. 5.ed. São Paulo: Pioneira, 2003.

NOTA

- * Trabalho realizado por Juciane Ferigolo, aluna do 5º semestre do curso de Letras Espanhol, na disciplina de Psicolingüística sob a orientação da professora Máisa Borin.